

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - Diretoria de Educação Ambiental
Programa Nacional de Educação Ambiental

Programa de Formação de Educadoras e Educadores Ambientais

Publicação: “Desvendando Princípios da Perspectiva Crítica da Educação Ambiental”

PEDAGOGIA DA PRÁXIS

Moacir Gadotti (*)

Nas últimas duas décadas do Século 20 assistimos a grandes mudanças, tanto no campo sócio-econômico e político, quanto no campo da cultura, da ciência e da tecnologia, mas, sobretudo, no campo da ecologia. As Conferências sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento de Estocolmo (1972) e do Rio de Janeiro (1992) foram dois grandes marcos dessas mudanças. Vimos ainda grandes movimentos sociais, como os que ocorreram no leste europeu, no final dos anos 80, culminando com a queda do muro de Berlim. Não fazemos uma idéia clara ainda do que deverá representar, para todos nós, a **globalização** crescente da economia, das comunicações e da cultura. Finalmente, as transformações tecnológicas tornaram possível o surgimento da **era da informação**.

É um tempo de expectativas, de **perplexidade** e da crise de concepções e paradigmas não apenas porque estamos iniciando a caminhada de um novo milênio, época de balanço e de reflexão, época em que o imaginário parece ter um peso maior. É um momento novo e rico de possibilidades. Por isso, colados ao nosso tempo, não podemos falar do futuro da educação em geral e da educação ambiental, em particular, sem certa dose de cautela. É com essa cautela que eu gostaria de examinar alguns **conceitos** da teoria e da prática da educação em geral e da educação ambiental e particular, que, seguindo a tradição filosófica, chamo de **categorias** apoiando-me numa Pedagogia da práxis. A perplexidade e a crise de paradigmas não podem se constituir num álibi para o imobilismo.

Por que Pedagogia da práxis?

Inspirei-me em Marx, Gramsci e Paulo Freire para escrever o livro **Pedagogia da práxis**, publicado em 1994 pela Editora Cortez. A pedagogia da práxis é a teoria de uma prática pedagógica que procura não esconder o conflito, a contradição, mas, ao contrário, entende-os como inerentes à existência humana, explicita-os, convive com a contradição e o conflito. Ela se inspira na dialética. O referencial maior dessa pedagogia é o conceito de **práxis**.

Práxis, em grego, significa literalmente ação. Assim, Pedagogia da práxis poderia ser confundida com a pedagogia da ação defendida pelo movimento da Escola

(*) **Moacir Gadotti** é professor titular da Universidade de São Paulo, Diretor do Instituto Paulo Freire e autor de várias obras, entre elas: *A educação contra a educação* (Paz e Terra, 1979), *Convite à leitura de Paulo Freire* (Scipione, 1988), *História das idéias pedagógicas* (Ática, 1993), *Pedagogia da práxis* (Cortez, 1994), *Perspectivas atuais da educação* (Artes Médicas, 2000), *Pedagogia da Terra* (Peirópolis, 2000) e *Os mestres de Rousseau* (Cortez, 2004). Participou da **Rio-92** (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento), chamada de “Cúpula da Terra”, que elaborou e aprovou a **Agenda 21**. No **Fórum Global-92**, na mesma época, coordenou, ao lado Moema Viezer, Fábio Cascino, Nilo Diniz e Marcos Sorrentino, a “Jornada Internacional de Educação Ambiental” que elaborou o “*Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*”.

Nova. Poderia ser considerada como uma versão da pedagogia pragmática que entende a práxis como prática estritamente utilitária, reduzindo o verdadeiro ao útil. Ao contrário, mais do que a Escola Nova, a pedagogia da práxis evoca a tradição marxista da educação, embora a pedagogia aqui apresentada transcenda o marxismo. Na nossa visão, práxis significa ação transformadora. É essa a acepção que assumimos aqui.

A pedagogia da práxis pretende ser uma pedagogia para a educação transformadora. Ela radica numa antropologia que considera o homem um ser incompleto, inconcluso e inacabado e, por isso, um ser criador, sujeito da história, que se transforma na medida mesma em que transforma o mundo.

Toda pedagogia refere-se à prática, pretende se prolongar na prática. Não tem sentido sem ela, pois é ciência da educação. Mas não só. Fazer pedagogia é fazer prática teórica por excelência. É descobrir e elaborar instrumentos de ação social. Nela se realiza de forma essencial a unidade entre teoria e prática. A pedagogia como teoria da educação não pode abstrair-se da prática intencionada. A pedagogia é sobretudo teoria da práxis.

Já se passaram onze anos desde que publiquei meu livro *Pedagogia da práxis*. Depois dele publiquei *Pedagogia da Terra* (Peirópolis, 2000) que considero como um prolongamento da pedagogia da práxis. Devemos continuar produzindo “pedagogias”, como nos aconselhava Paulo Freire.

Nesse sentido, gostaria de colaborar com essa iniciativa do Ministério do Meio Ambiente, preocupado com a formação crítica do educador ambiental e apresentar mais algumas categorias (ou conceitos) que apontem para uma **educação do futuro** possível. Elas indicam o surgimento de temas com importantes conseqüências para a educação.

As categorias “contradição”, “determinação”, “reprodução”, “mudança”, “trabalho”, “práxis”, “necessidade”, “possibilidade” aparecem freqüentemente na literatura pedagógica contemporânea, sinalizando já uma perspectiva da educação como práxis transformadora. Essas categorias tornaram-se clássicas na explicação do fenômeno da educação, principalmente a partir de Hegel e de Marx. A **dialética** constitui-se, até hoje, no paradigma mais consistente para a análise do fenômeno da educação. Podemos e devemos estudá-la e estudar todas as categorias acima apontadas. Elas não podem ser negadas pois ajudarão muito na leitura do mundo da educação atual. Elas não podem ser negadas ou desprezadas como categorias “ultrapassadas”. Mas também podemos nos ocupar mais especificamente de outras, ao pensar a educação do futuro, categorias nascidas ao mesmo tempo da prática da educação e da reflexão sobre ela. Eis algumas delas, a título de exemplo.

1ª - **Cidadania**. O que implica também tratar do tema da *autonomia* (Paulo Freire, 1997) da questão da participação, da educação para e pela cidadania. Educar para a cidadania ativa tornou-se hoje projeto e programa de muitas escolas e de sistemas educacionais.

2ª - **Planetaridade**. A Terra é um “novo paradigma” (Leonardo Boff, 1994). Que implicações tem essa visão de mundo sobre a educação? O que seria uma *ecopedagogia* (Francisco Gutiérrez & Cruz Prado, 1999) e uma *ecoformação* (Gaston Pineau, 1994)? O tema da *cidadania planetária* pode ser discutido a partir desta categoria.

3ª - **Sustentabilidade**. O tema da sustentabilidade originou-se na economia (“desenvolvimento sustentável”) e na ecologia, para inserir-se definitivamente no campo da educação, sintetizada no lema “uma educação sustentável para a sobrevivência do planeta” (Ângela Antunes, 2002). O que seria uma cultura da sustentabilidade? Esse tema deverá dominar muitos debates educativos das próximas décadas.

4^a - **Virtualidade.** Esse tema implica toda a discussão atual sobre a educação a distância e o uso dos *computadores nas escolas* e da Internet (Pierre Levy, 2001). A informática associada à telefonia nos inseriu definitivamente na *era da informação*. Quais as conseqüências para a educação, para a escola, para a formação do professor e para a aprendizagem? Como fica a educação diante da pluralidade dos meios de comunicação: eles nos abrem os *novos espaços da formação* ou irão substituir a escola?

5^a - **Globalização.** O processo da globalização está mudando a política, a economia, a cultura, a história... portanto também a educação (Milton Santos, 2000). É um tema que deve ser focado sob vários prismas. Para pensar a educação do futuro, precisamos refletir sobre o processo de globalização da economia, da cultura e das comunicações.

6^a - **Transdisciplinaridade.** Embora com significados distintos, certas categorias como *transculturalidade*, *transversalidade*, *multiculturalidade* e outras, como *complexidade* e *holismo*, também indicam uma nova tendência na educação que será preciso analisar (Basarab Nicolescu, 1999). Como relacionar multiculturalidade e currículo? É necessário realizar o debate dos temas “transversais” ou “geradores” (Paulo Freire) e de uma educação sem discriminação étnica, cultural, de gênero.

7^a - **Dialogicidade,** dialeticidade. Não podemos negar a atualidade de certas categorias freireanas e marxistas, a validade de uma pedagogia dialógica ou da práxis. Marx, em *O Capital*, privilegiou as categorias hegelianas “determinação”, “contradição”, “necessidade”, “possibilidade”. A fenomenologia hegeliana continua inspirando nossa educação e deverá atravessar o milênio.

Essas, eu diria, são as novas categorias da pedagogia da práxis. A análise dessas categorias, a identificação da sua presença na pedagogia contemporânea, pode constituir-se, sem dúvida, num grande programa educacional.

O que me motivou a escrever **Pedagogia da práxis** foi essa vontade de contribuir para com o debate de uma pedagogia que é, ao mesmo tempo, uma pedagogia da esperança e da luta. Estou ciente de que no meu livro, publicado em 1994 e hoje traduzido em diversas línguas, não tratei de todos os temas, de que existem muitos outros **desafios** para a educação. A reflexão crítica não basta, como também não basta a prática sem a reflexão sobre ela.

A pergunta que eu poderia fazer agora é como a **pedagogia da práxis** pode servir para uma educação ambiental.

O **Fórum Global 92** se constituiu num evento dos mais significativos do final de século XX: deu grande impulso à globalização da cidadania. Hoje, o debate em torno da **Carta da Terra** está se constituindo num fator importante de construção desta cidadania planetária. Qualquer pedagogia, pensada fora da globalização e do movimento ecológico, tem hoje sérios problemas de contextualização e de sustentação.

De certa forma, o encontro entre a pedagogia da práxis e a educação ambiental deu-se na **Rio-92** com as primeiras reflexões sobre a **ecopedagogia**. A ecopedagogia não quer oferecer apenas uma nova visão da realidade. Ela pretende reeducar o olhar. Reeducar o olhar significa desenvolver a atitude de perceber e não ficar indiferente diante das agressões ao meio ambiente, criar hábitos alimentares novos, evitar o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar etc. e intervir no sentido de reeducar o habitante do planeta. “Enquanto o ambientalismo superficial apenas se interessa por um controle e gestão mais eficazes do ambiente natural em benefício do ‘homem’, o movimento da ecologia fundamenta na ética reconhece que o equilíbrio ecológico exige uma série de mudanças profundas em nossa percepção do papel que deve desempenhar o ser humano no ecossistema planetário” (Gutiérrez & Prado, 1999:33).

A **Pedagogia da Práxis**, inserida na tradição marxista renovada da pedagogia, não se contrapõe à ecopedagogia como pedagogia libertadora. Não abandonamos as categorias críticas (marxismo, libertação) mesmo incorporando categorias pós-críticas (significação, representação, cultura, multiculturalismo). Fundamentamos a ecopedagogia numa concepção crítica da educação, levando em conta os novos paradigmas da ciência e da pedagogia, sem dicotomizá-los burocraticamente, mas tirando deles as necessárias lições para poder continuar caminhando. A ecopedagogia trouxe mais uma contribuição à pedagogia da práxis que é o conceito de “cidadania planetária” (Francisco Gutierrez & Cruz Prado, 1999). O conceito de cidadania ganha nova dimensão. Como **cidadãos/ãs do planeta** nos sentimos como seres convivendo no planeta Terra com outros seres vivos e inanimados. Esse princípio deve orientar nossas vidas, nossa forma de pensar a escola e a pedagogia com a qual nos educamos.

Existe uma concepção capitalista de desenvolvimento sustentável e que é sustentada por uma parcela do movimento ecológico. Ela pode se constituir numa armadilha para a ecopedagogia. Por isso a ecopedagogia não pode inspirar-se apenas numa concepção de desenvolvimento. O desenvolvimento sustentável, ao nosso ver, só pode, de fato, enfrentar a deterioração da vida no planeta na medida em que está associado a **um projeto mais amplo**, que possibilite o advento de uma sociedade justa, equitativa e incluyente, o oposto do projeto neoliberal e neoconservador. Só com o apoio forte dos trabalhadores da cidade e do campo, dos movimentos sociais e populares, podemos construir um novo modelo de desenvolvimento e de educação verdadeiramente sustentáveis.

Podemos dizer que a educação para a cidadania planetária está apenas começando e que ela deve nos levar a uma educação para a **cidadania cósmica**. Os desafios são enormes tanto para os educadores quanto para os responsáveis pelos sistemas educacionais. Mas já existem certos sinais, na própria sociedade, que apontam para uma crescente busca não só por temas espiritualistas e de auto-ajuda, mas por um conhecimento científico mais profundo do universo.

O interesse por questões globais e pelo cosmos está atraindo muito mais do que os físicos de hoje. E não só cientistas, mas também o grande público. Há muita procura hoje por conhecimentos sobre o universo. É um fato auspicioso verificar que se busca saber mais não apenas sobre o homem, mas também sobre o planeta e o universo (Marcelo Gleiser, 1997).

Os **currículos escolares**, numa visão ecopedagógica, deverão incluir, desde o estudos infantis, não apenas o estudo do ambiente natural, o entorno, os contextos urbanos, mas a história da Terra e do Universo. A ecopedagogia nos ensina a olhar para o céu.

Educar para a cidadania planetária implica muito mais do que uma filosofia educacional, do que o enunciado de seus princípios. A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Educar, então, não seria como dizia Emile Durheim, a transmissão da cultura de uma geração para outra, mas a grande viagem de cada indivíduo no seu universo interior e no universo que o cerca.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ângela. *Leitura do mundo no contexto da planetarização: por uma pedagogia da sustentabilidade*. São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002 (Tese de doutorado).
- BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. São Paulo, Ática, 1994.
- FÓRUM GLOBAL 92. *Tratados das ONGs*, aprovados no Fórum Internacional das Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais no âmbito do Fórum Global ECO 92. Rio de Janeiro, Fórum das ONGs, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo, Cortez, 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo, Peirópolis, 2000.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos da criação ao big bang*. São Paulo, Companhia das letras, 1997.
- GUTIÉRREZ, Francisco e Cruz Prado. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo, Cortez, 1999.
- LEVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo, Editora 34, 2001.
- MORIN, Edgar e Anne Brigitte Kern. *Terre-Patrie*. Paris, Seuil, 1993.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo, Trion, 1999
- PINEAU, Gaston (org.). *De l'air: essai sur l'écoformation*. Paris, Païdéia, 1992.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record, 2000.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *O futuro ecológico como tarefa da filosofia*. São Paulo, IPF, 1999 (Cadernos de Ecopedagogia, vol. 4).
- SORRENTINO, Marcos. *Educação ambiental e universidade*. São Paulo, FEUSP, 1995 (Tese de Doutorado).